REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 215

11 DE DEZEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha muito tempo que não falamos de livros.

Falemos hoje, hoje que temos ao nosso lado um livro encantador, firmado por um dos nomes mais queridos da geração contemporanea, por um nome a que depois da gloria ter dado a aureola da fama, a morte deu a aureola da saudade.

Esse nome é o de Gonçalves Crespo, um grande poeta que tão cedo desappareceu na cova — esse livro, é a segunda edição das *Miniaturas*, cuja primeira edição, teve uma sorte excepcional, em Portugal sobretudo, em livro de versos — esgotar-se completamente.

As *Miniaturas* foram o primeiro livro de versos de Gonçalves Crespo, e bastaram-lhe para a sua consagração.

E' um ecrin de perolas, um punhado de obras primas, esse livro que quando appareceu na sua edição pequenina, microscopica, teve um *successo* collossal.

Os versos de Gonçalves Crespo, teem o condão raro de nunca esquecerem.

Ha mais de dez annos que a primeira edição das *Miniaturas* appareceu, e hoje o folhear a segunda edição d'esse delicioso livro ainda sabemos de cór quasi todas as poesias que o compõe.

Não ha na poesia moderna portugueza, poeta mais completo do que elle, mais profundamente e elevadamente artistico.

Temos o livro aberto em frente de nós, e não nos atrevemos a escolher entre aquella galeria de primores, um trecho para transcripção.

Entretanto como é melhor, sobretudo para os nossos leitores, citar versos de Gonçalves Crespo do que fazer prosa nossa, não faremos escolha, e apresentaremos a primeira pagina em que abrimos as *Miniaturas*.

Este livro é um dos raros em que se pode fazer isto.

Ordinariamente em todas as collecções de poesias ha ao par de bellos versos — quando ha d'esses versos — outros menos cuidados; feitos em hora de pouca inspiração, ou acabados com menos amor.

Com as poesias de Gonçalves Crespo nunca se dá essa desigualdade.

Das suas mãos não sahia obra nenhuma sem estar escrupulosamente cinzelada e acabada.

D'ahi a confiança com que para citar Gonçalves Crespo se póde abrir ao acaso qualquer dos seus livros, na certeza de se encontrar sempre primores como o que se segue:

ALGUEM

Para alguem sou o lirio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se a terra existe, é porque existo.

Esse alguem, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as azas no meu leito,
E o meu somno desliza perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! esse alguem
E de meus dias a esplendente aurora
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

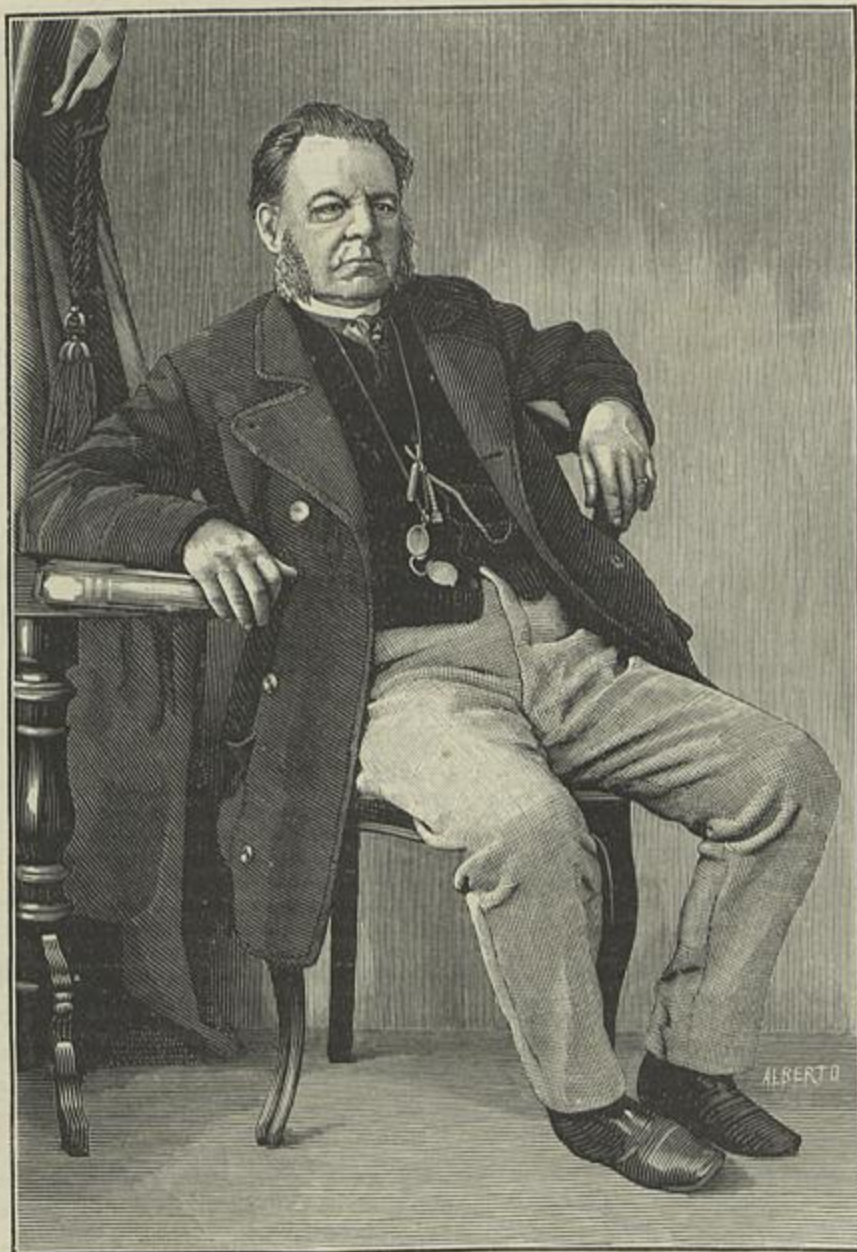
A segunda edição das *Miniaturas*, uma edição elegante feita pelo sr. Tavares Cardoso — livreiro editor muito conhecido e estimado em Portugal e no Brazil, é acompanhada de um prefacio notabilissimo, assignado por Teixeira de Queiroz, o illustre Bento Moreno, que tem dado á litteratura portugueza de hoje livros de grande valia, como a *Comedia do campo*, os *Noivos*, o *Sallustio Nogueira*, etc.

Amigo intimo de Gonçalves Crespo, homem de lettras completo, observador profundo, analysta moderno, Teixeira de Queiroz desenha n'esse rapido prologo, nitidamente, o perfil interessantissimo de Gonçalves Crespo, homem.

O estudo de Gonçalves Crespo, poeta, espera-se que será feito na segunda edição dos *Nocturnos*, que brevemente apparecerá, por uma das mais notaveis escriptoras do nosso paiz, a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho viuva do grande poeta.

O prologo de Teixeira de Queiroz é interessantissimo, como interessantissimas são todas as notas verdadeiras do caracter e da vida dos grandes escriptores; augmentando ainda esse interesse pela maneira excepcional como essas notas são feitas e observadas, com uma grande despreoccupção de gloria propria, e com um extraordiario escrupulo de verdade

Cheio de revelações curiosas sobre o caracter de Gonçalves Crespo, caracter ignorado da maior parte da gente, caracter que elle escondia sob as apparencias de uma alegria permanente, esse prefacio conta-nos n'um periodo magnifico os pequenos segredos de *mise-en-scene* theatral de que Gonçalves Crespo usava como recitador, como recitador que era uma das suas mais ruidosas glorias.

«Onde todas as suas poderosas qualidades pessoaes de fascinação, principalmente a musica da sua voz, conta Bento Moreno, se impunham com mais intensidade, era na recitação em publico, diante d'uma platéa de senhoras formosas... O seu gesto bem calculado, a ousadia e coragem do olhar, o busto d'uma linha natural, o vestuario irreprehensivel... formavam um conjuncto harmonico. Não galgava os versos emphatica ou apressadamente, como qualquer ingenuo dominado pela commoção, ou atterrado pelo auditorio. Era n'essas circumstancias que se exhibiam as suas malicias habituaes, que tanto me faziam rir. Limpava demoradamente a luneta, olhando com o olhar vago de quem não vê:

JOSÉ PEREIRA REIS, LENTE JUBILADO DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO
(Segundo uma photographia

fingia um rosto contristado e ás vezes com laivos de amargura, parecendo que sentia um ligeiro susto de se poder esquecer... Assim ia aguçando a curiosidade do publico, fazia-se esperado, desejado... Quando lhe pediam *bis*, ou lhe exigiam que recitasse algumas das suas poesias mais dilectas do publico, Crespo, que possuia um ouvido finissimo, nunca percebia á primeira reclamação. Interrogava a platéa, perguntando se era a *Ceia de Tiberio*, quando distinctamente tinham dito *A resposta do Inquisidor*. Assim chegava o interesse e a anciedade a serem geraes. Muitas vozes pediam a *Venda dos Bois*, outros reclamavam a *Morte de D. Quichote*. Fazia-se silencio. Elle principiava a revisão mental da poesia que desejava recitar. Parava, sorria de novo significando ao publico que tinha alguma difficuldade em se recordar. Passados minutos, quando a platéa estava muda e nervosa, a voz de Gonçalves Crespo erguia-se calma e bem calculada, variando apropriadamente sem uma falta, até á conclusão, momento em que o publico o victoriava enthusiasticamente.»

Tinhamos vontade de poder transcrever aqui muitos outros trechos interessantissimos d'esse bello prefacio, revelações curiosas sobre o caracter do grande poeta, pedaços de cartas intimas que o desenham sob um ponto de vista ainda ignorado da maioria, mas o espaço fallece-nos, e outros assumptos não mais interessantes, mas da actualidade immediata, reclamam a nossa attenção.

Um d'esses assumptos, e dos mais importantes de hoje, não o tratamos aqui, por insufficiencia completa de conhecimentos apropriados — a questão do Zaire e a conferencia de Berlim.

Temos a ampla franqueza de confessar a nossa ignorancia no assumpto, e a consciencia de por isso mesmo não nos mettermos n'elle.

Podiamos talvez substituir o *por isso mesmo* por *apesar d'isso*: não se conhecer um assumpto, não se ter estudado a fundo uma questão, não é rasão na politica portugueza para não se tratar d'ella. Pelo contrario. A maior parte das vezes quem menos sabe é que mais fala; o mesmo porque dentro da politica portugueza, para tratar uma questão, para ter opinião sobre ella não é necessario estudal-a, basta saber qual o partido que a trata: se é o nosso partido, não é preciso perder dias e dias a estudar o assumpto, defende-se a todo o transe com phrases já feitas e preparadas para essas usuaes cerimonias jornalisticas, se é o partido contrario menos preciso é ainda o estudo: aggride-se esse partido com uma saraivada de improperios e está prompto tudo.

Conhecemos bem o systema mas não o usamos, primeiro porque nos repugna, e segundo porque é difficil pôl-o em execução sem ter partido.

E nós temos o prazer ineffavel de o não ter.

A empreza de S. Carlos apresentou a sua primeira nova artista e não foi muito feliz n'essa apresentação.

A sr.ª Carolina Salla tem um certo nome no mundo lyrico, nome que lhe vem principalmente de ter sido escolhida pela maestro Ambroise Thomas para crear a protogonista da sua *Francesca de Rimini*. A empreza escripturou-a por esse nome, de que a artista se faz pagar muito bem, mas a prova da primeira noite ficou muito áquem do que o publico e a empreza tinham direito a esperar da sr.ª Salla.

Não foi um fiasco, mas esteve muito longe, muitissimo longe d'um *successo*.

E' verdade que a sr.ª Salla estava com umas *quintes* de tosse, que naturalmente a prejudicaram muito. O acolhimento frigidissimo do publico mostrou-lhe que effectivamente a tosse a prejudicava e tanto que a sr.ª Salla, até ao momento em que escrevemos não tornou a apparecer.

E como não a vissemos ainda sem tosse não emitteremos sobre a cantora opinião alguma, ficando á espera que a tosse passe, que as pastilhas de Zed façam o seu effeito.

E agora principiam ahi a affluir a S. Carlos as celebridades. No dia 15 a Fides Devriés, para o principio de janeiro a Sembrich, e lá para deante o Massini

Todos tres são celebridades do mundo lyrico, que se pagam como taes e que obrigam a empreza a augmentar ainda os preços de S. Carlos.

Cremos que apesar d'essa elevação de preços, que, digamos de passagem, é relativamente diminuta, o theatro se encherá; mas parece-n'os, e isto simplesmente por falar, porque não temos absolutamente nada com isso, que quanto maior fôr o *successo* d'essas recitas maior será tambem o numero das recitas ordinarias, porque custará com certeza a achar publico que encha o theatro de S. Carlos para depois de ter ouvido grandes celebridades, ouvir artistas, que aliás muito apreciaveis não podem soffrer com ellas comparação.

E' verdade que a empreza tem reservados para depois d'essas recitas extraordinarias, tres fortes attractivos, a *Herodiade* de Massenet, a opera do Visconde de Arneiro, e o *Casamento de Figaro* de Mozart, e o publico depois de ter ido a S. Carlos para ouvir novos artistas, terá que lá ir para ouvir operas novas.

Assim seja.

Gervasio Lobato.

JOSÉ PEREIRA REIS

Demais é conhecido em todo o paiz o nome illustre e reputação assente d'este notavel clinico, que ha tantos annos vive n'esta cidade. Apezar d'isso não serão inteiramente sem proveito, já para aquelles que em vida o teem apreciado, já para a historia que lhe hade guardar e venerar a memoria, alguns traços despretenciosos da sua biographia. E porque vae n'ella muito ensinamento de virtudes civicas e particulares, muito exemplo vivo de abnegação e trabalho, muita luz vivificante de intelligencia e actividade, nos apressamos em descrever-lhe aqui, como cabe em nossa mal aparada penna, e na ligeireza de imperfeitissimo esboço, a physionomia moral, tão singularmente accentuada, do doutor José Pereira Reis.

Nasceu este venerando e distinctissimo clinico na cidade de Coimbra a 14 de março de 1808, de paes humildes e sem fortuna. Em quanto estudante alli na Universidade, e annos ainda depois de medico no Porto, augmentava os parcos meios da sua subsistencia ensinando philosophia e mathematica.

Genio sempre independente, por isso liberal, deveu a muita moderação e prudencia o poder concluir a sua carreira scientifica (1831), sem ser inquietado por suas opiniões politicas durante o reinado de D. Miguel.

Em junho de 1833 foi mandado pelas auctoridades de Coimbra para Condeixa tratar do cholera morbus; e ahi, sem auxilio de nenhum outro facultativo, prestou a mais escrupulosa attenção aos cholericos, em um raio de duas leguas, por espaço de quarenta dias, sem nenhuma remuneração publica, ou particular.

Voltando a Coimbra em principios de agosto, ahi continuou a tratar desveladamente os cholericos, e por ordem da auctoridade dirigiu o hospital militar, por essa occasião e em consequencia da guerra civil, e da proxima occupação de Lisboa pelo duque da Terceira accumulado de doentes de cholera e typho, chegando a ter trezentos doentes debaixo dos seus cuidados.

Em dezembro de 1833 encontramol-o no Porto, quando ainda não estava terminada a guerra civil.

Em julho de 1834 ahi o vemos de novo, na qualidade de eleitor por Coimbra, para eleger os deputados que formaram o primeiro parlamento depois da restauração da rainha.

Em 4 de novembro d'esse anno é despachado lente substituto da escola medico-cirurgica do Porto, em resultado das excellentes provas de concurso, que pelo conselho da mesma foram julgadas superiores ás dos outros candidatos.

Em abril de 1837 foi nomeado lente cathedratico, e esteve sempre em serviço até completar os trinta annos de magisterio, sendo jubilado em novembro de 1864.

Durante todo o tempo do seu professorado soube alliar as mais claras manifestações de sympathia e respeito da parte de discipulos e collegas. Uns e outros lhe admiravam o muito saber, a muita proficiencia e superior talento, a profunda modestia e seriedade de caracter, com que singularmente se desempenhava das suas arduas funcções escolares. Essencialmente methodico, tinha uma exposição clara e precisa, sobredourada por uma pronuncia nitida e purissima, e servida por uma voz verdadeiramente insinuante.

Não sendo orador, dava ás suas prelecções, como ainda hoje á sua facil e interessante conversação, a fórma do discurso sobrio e entretecido dos mais bellos e finos conceitos, das mais espontaneas e scintillantes phrases.

Desde o anno de 1835 até ao de 1845 foi o unico vaccinador publico e gratuito no Porto, vaccinando semanalmente as crianças que se lhe apresentavam, e inscrevendo os seus nomes e filiação. Até 1839 vaccinou em uma das salas da escola medico-cirurgica, e d'ahi em diante obteve que nos Paços do Concelho se lhe concedesse uma sala para esta altamente benefica operação. Da primeira vez que foi vereador, em 1850, conseguiu que a municipalidade creasse um logar de vaccinador remunerado pelos cofres do municipio.

Foi vereador quatro annos, membro do conselho de districto seis annos, e procurador á junta geral do districto oito annos, além de ter prestado a sua coadjuvação em muitas commissões de serviço publico a convite do chefe superior do districto.

Teve a mercê de cavalleiro da Conceição por serviços sanitarios nas epidemias de febre amarella e cholera que houve no Porto. Rejeitou-a. Na curta administração do bispo de Vizeu novo testemunho de consideração lhe foi dado com uma carta de conselho. Igualmente a rejeitou.

Em 1846 foi injustamente preso, e mandado sair do Porto por ordem da junta revolucionaria, voltando só depois de restaurado o governo da rainha.

Ha um periodo curioso na vida do doutor Reis. Era ahi por 1848 que com elle se juntava diariamente na loja de livros do sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho um grupo de homens notaveis em varias provincias do saber. De entre estes farei menção de Sebastião de Almeida e Brito, Antonio Alves Martins, José Carneiro da Silva, José Avelino de Castro, José Gomes Monteiro, Manuel Ferreira de Seabra, José Alves Mariz Coelho, Luiz Antonio Corrêa de Moraes Amaral, Bartholomeu Corrêa de Moraes Amaral, Bernardo Joaquim Pinto, Vicente José de Carvalho, e João Ferreira da Silva Oliveira.

N'estas palestras quotidianas, que em tudo abundavam, — lettras, sciencia, critica, fina graça portugueza, entrava muitas vezes tambem a escalpellisação da politica e dos politicos do tempo, não para rasgar a fundo, mas para deixar apenas leves arranhaduras á superficie dos homens e das coisas. Torneios de espirito eram estes apenas, de que as vontades se retiravam congraçadas e não feridas, os rostos risonhos e não toldados das sombras da malquerença, ou do resentimento.

Viajou por Hespanha, França, e Inglaterra, visitando diversos hospitaes, estabelecimentos scientificos, etc., etc. Percorreu tambem agora e logo diversas terras do paiz, e, provavelmente, n'uma d'estas excursões se namorou do pittoresco sitio de Vizella, aonde existem as bem conhecidas thermas, e ahi mandou construir uma casa para onde, como verdadeiro philosopho, se vae espairecer, aspirar com deleite os ares sadios, retemperar as forças do espirito, quebrado pelo *spleen* que a todos nós mais ou menos acommette.

Nomeado pelo governo presidente dos exames de instrucção secundaria, na terceira circumscripção, cargo que exerceu durante dois annos (1873-1874), patenteou mais uma vez a sua intelligencia e bom criterio, fazendo executar os emmaranhados programmas officiaes o mais racionalmente possivel, isto é, nem se exigindo o impossivel, nem se auctorisando a ignorancia. Nas ultimas reformas da referida instrucção secundaria, com quanto elaboradas por indiscutiveis competencias, quasi se desprezaram dois elementos — ordem e tempo — sem os quaes não se póde organisar um bom plano de estudos.

Coração aberto a todos os bons sentimentos, compassivo com a pobreza, lealissimo nas suas relações sociaes, o que não é de somenos apreço, contando dedicados amigos em todos os partidos politicos, goza da mais sincera estima de quantos o conhecem.

Existem d'elle publicadas as obras seguintes:

Nomenclatura chimica franceza, sueca, allemã e synonimia. Escripta em francez por Julio Garnier, e traduzida em portuguez — 1845.

Formulario geral para medicos, cirurgiões e pharmaceuticos. — 1839. — Segunda edição correcta e augmentada com um tratado therapeutico dos envenenamentos. — 1841. — Terceira edição mais correcta e muito augmenrada — 1845.

A Homœpathia: o que é, e o que vale — 1852.

Mysterios de Paris: romance por Eugene Sue, traduzido em portuguez — 1843, 8 tomos.

Os sete peccados mortaes, por Eugene Sue, traduzidos em portuguez — 1847 a 1858, 8 tomos.

Tambem publicou em 1859 uma nova edição do Codigo Pharmaceutico-lusitano de Agostinho Albano, em que, no dizer de entendidos, só ha do antigo o titulo e a pharmacotechnia, sendo tudo o mais refundido, e additado pelo editor, com algumas tabellas de grande valia, etc., etc.

Collaborou (1854) de camaradagem com o futuro historiador portuguez, e outras illustrações, na redacção do *Repositorio Litterario*, jornal da sociedade litteraria, de que foi socio e secretario por muitos annos.

Foi redactor e proprietario da *Revista Extrangeira*, periodico mensal de litteratura e sciencias, que se publicou em 1837 e 1839, e que foi substi-

tuido, sem interrupção, pela *Revista Litteraria* que durou até 1845.
Raro é já hoje encontrar-se á venda algum exemplar d'estes jornaes.
Esta resenha poderá servir de complemento e correcção á noticia bibliographica que no seu diccionario Innocencio Francisco da Silva nos dá do doutor Reis.

Porto, 15 de novembro de 1884.

Antonio Teixeira de Macedo.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOSÉ MARIA DA SILVA FERRÃO DE CARVALHO MARTENS

Dom José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, bispo de Portalegre, fallecido no dia 19 de novembro findo, foi filho do dr. Francisco Roberto da Silva Ferrão de Carvalho Martens, desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação, fallecido em 1847, e de D. Maria Isabel da Silva Ferrão de Carvalho Martens, fallecida em 1864.
Nasceu aos 8 d'abril de 1815 em Lisboa. Fez com muita distincção os estudos preparatorios e theologicos. Tendo-se dedicado ao pulpito, prégou quaresmas inteiras em differentes egrejas de Lisboa, e fez com o prior Constantino do Valle a missão que uma sociedade religiosa promoveu na egreja parochial de S. Nicolau de Lisboa.
Pela sua reconhecida erudição nas sciencias theologicas, e especialmente historicas, foi em 1851 nomeado professor de historia ecclesiastica, no curso theologico que então foi aberto em S. Vicente de Fóra, pelo cardeal patriarcha de Lisboa o douto D. Guilherme, e foi este curso em que teve por collegas os drs Cicouro e D. Antonio da Trindade, hoje bispo de Lamego, o primeiro então estabelecido, em quanto se não organisava o Seminario de Santarem.
Em 1852 foi nomeado conego da Sé Patriarchal de Lisboa, continuando no exercicio do magisterio.
Aberto o Seminario de Santarem, foi para alli como professor, da mesma cadeira, e como director espiritual.
No Seminario de Santarem fez abrir um curso complementar d'estudos theologicos comprehendendo cinco annos, que foi approvado pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos.
N'esse curso leccionou sempre duas cadeiras e por vezes tres. Foram seus collegas o actual cardeal bispo do Porto, e outros professores cujo maior numero já não existe.
Alli permaneceu até que em 1869, tendo-se levantado serias difficuldades no governo da diocese de Portalegre, foi para alli nomeado vigario geral, governador do bispado, sendo ministro dos negocios ecclesiasticos, o commendador José Luciano de Castro. Fez logo a visita da diocese, e abriu missão na Sé episcopal.
Publicou differentes pastoraes, que correm impressas, e que ultimamente foram rememoradas no jornal *Districto de Portalegre* de 26 de novembro preterito.
Publicou então (anonymo) um livro sob o titulo *A questão de Roma*, impresso em Paris em fins de 1869, — publicação que foi justamente apreciada pela imprensa, pela moderação e sensatez das suas doutrinas, e pela largueza da erudição que manifestava.
Em quanto foi vigario geral de Portalegre, foi quasi sempre, presidente da junta geral do districto.
Em Portalegre, seguindo a missão que mais tomava a peito, deu largo desenvolvimento aos estudos theologicos, no Seminario, sendo efficazmente auxiliado pelo illustrado cargo docente d'aquelle estabelecimento, tendo achado sempre no clero de Portalegre a mais dedicada cooperação, como em muitos documentos officiaes testemunhou para o ministerio dos negocios ecclesiasticos.
Consultado pelo governo sobre o projecto da reducção e circumscripção das dioceses, escreveu uma extensa memoria, mostrando a necessidade da conservação da diocese de Portalegre, o que mais tarde sustentou na conferencia do episcopado portuguez, reunida no ministerio das justiças, por convite do então ministro das justiças, o conselheiro Adriano Machado.
Foi com fundamento n'estes trabalhos, que em Portalegre era considerado como o restaurador da diocese.
Sendo ainda governador d'esta diocese, foi nomeado superior do collegio das Missões Ultramarinas, sendo ministro o conselheiro Andrade Corvo, cargo que exerceu por dez annos, sem d'ahi receber vencimento algum, por o ter recusado.
Em virtude d'uma exposição canonica que fez ao governo e que este enviou para Roma, conseguiu que fosse admittida a ordenação a titulo de missão, sendo dispensado por isso o patrimonio aos ordinandos, e data d'ahi o augmento do pessoal dos missionarios n'aquelle estabelecimento.
Tendo-se levantado em 1875, grave conflicto na diocese de Bragança, sobre a questão da insinuação de vigario capitular pelo fallecimento do bispo d'aquella diocese D. José Feijó, foi sem ser consultado, apresentado pelo governo de S. M., bispo d'aquella diocese, e confirmado immediatamente pela Santa Sé, tendo por este meio cessado aquelle conflicto.
Partindo immediatamente no começo do inverno, a tomar posse, começou logo a visita da diocese, resultando-lhe d'ahi ser atacado d'uma pneumonia dupla, que o prostrou, e desde então o seu estado foi veletudinario, mas o seu espirito evangelico permaneceu sempre prompto.
Sentindo-se penosamente enfermo e inhabilitado para o serviço activo da egreja, como o comprehendia, e havia sempre praticado no seu viver de fadiga, pediu pelos meios legaes a renuncia, visto não lhe ser possivel voltar depressa á diocese, pela aspereza do clima alli, e pelo seu estado de fraqueza e debelidade, mas o ministro das justiças, então, o conselheiro Adriano Machado, não lhe concedeu a regia permissão, pedindo-lhe em aviso summamente honroso que não insistisse pela renuncia e n'este mesmo sentido o instou o Nuncio de Sua Santidade, e depois cardeal Sanguigni.
Nunca na sua longa carreira publica se involveu em politica, sem todavia deixar de prestar ao governo do seu paiz, todo o concurso, que na ordem de idéas que sempre seguiu e ensinou, mutuamente se devem prestar a religião e o estado. E' d'elle a phrase pronunciada n'um discurso na camara dos pares, — *Quanto mais de cá menos de lá* — applicada aos deveres do sacerdocio.
Nenhuma recompensa das que os poderes publicos costumam dar sollicitou nem teve nunca.
Como par do reino tomou por varias vezes extensamente a palavra em differentes assumptos de administração e ecclesiasticos, pelo que foi por proposta feita na camara, votado para a commissão de administração publica, de que foi presidente.
Tendo ultimamente sido restaurada a diocese de Portalegre, foi para alli transferido da de Bragança, unicamente pela melhoria de clima pois outra não havia.
Tomou posse no dia 25 de novembro de 1883, e fez alli a sua entrada solemne em 13 de julho do corrente anno, occasião em que toda a diocese lhe manifestou a sua grande affeição. N'essa solemnidade fez o professor do Seminario dr. Adolpho C. Motta uma notavel oração sacra, que corre imprensa.
Pouco mais de quatro mezes decorreram, até ao seu triste passamento, e esses já consumido por um grande abatimento de forças, que afinal o prostrou.
Como os seus ultimos momentos foram edificantes, foi narrado com grande exactidão pela imprensa do paiz.
Correm impressas muitas pastoraes, instrucções moraes e sermões d'este prelado, que se encontram indicados no *Districto de Portalegre* de 26 de novembro como já fica notado.
A maneira porque o povo de Portalegre pranteou o seu prelado, é o testemunho da virtude, e da bondade d'este para com todos.
Austero até ao excesso para comsigo, e benevolo e indulgente sempre para com os outros, foi este o seu distinctivo.
Dizia sempre que conseguia assim mais no aproveitamento moral, do que por quaesquer outros meios.
Na sua vida de penitencia, a occultas, privava-se até ao excesso, e dava quanto possuia aos pobres.
Foi assim a sua vida, o seu passamento correspondeu á sua grande fé religiosa. E' assim a morte dos justos.

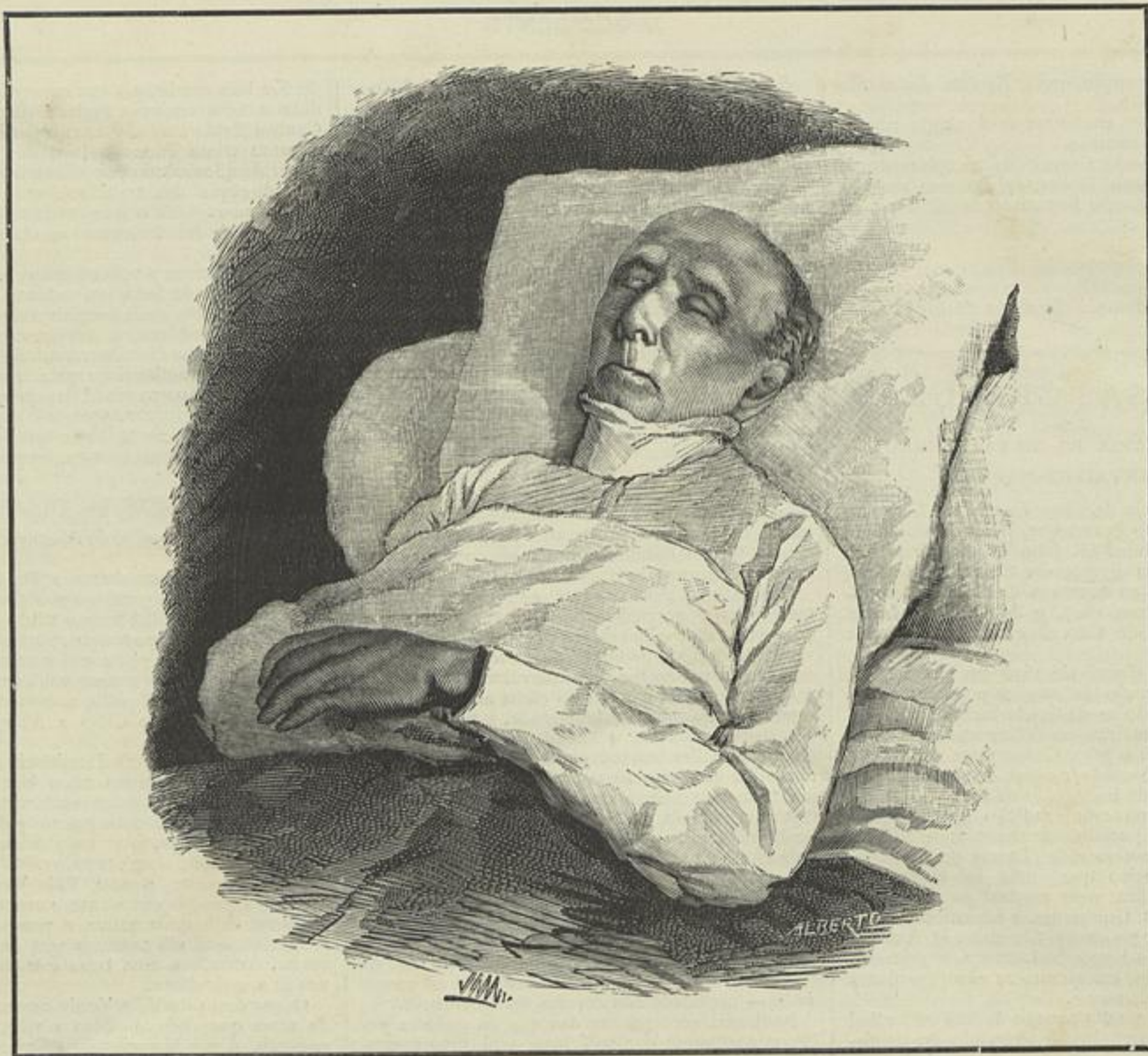
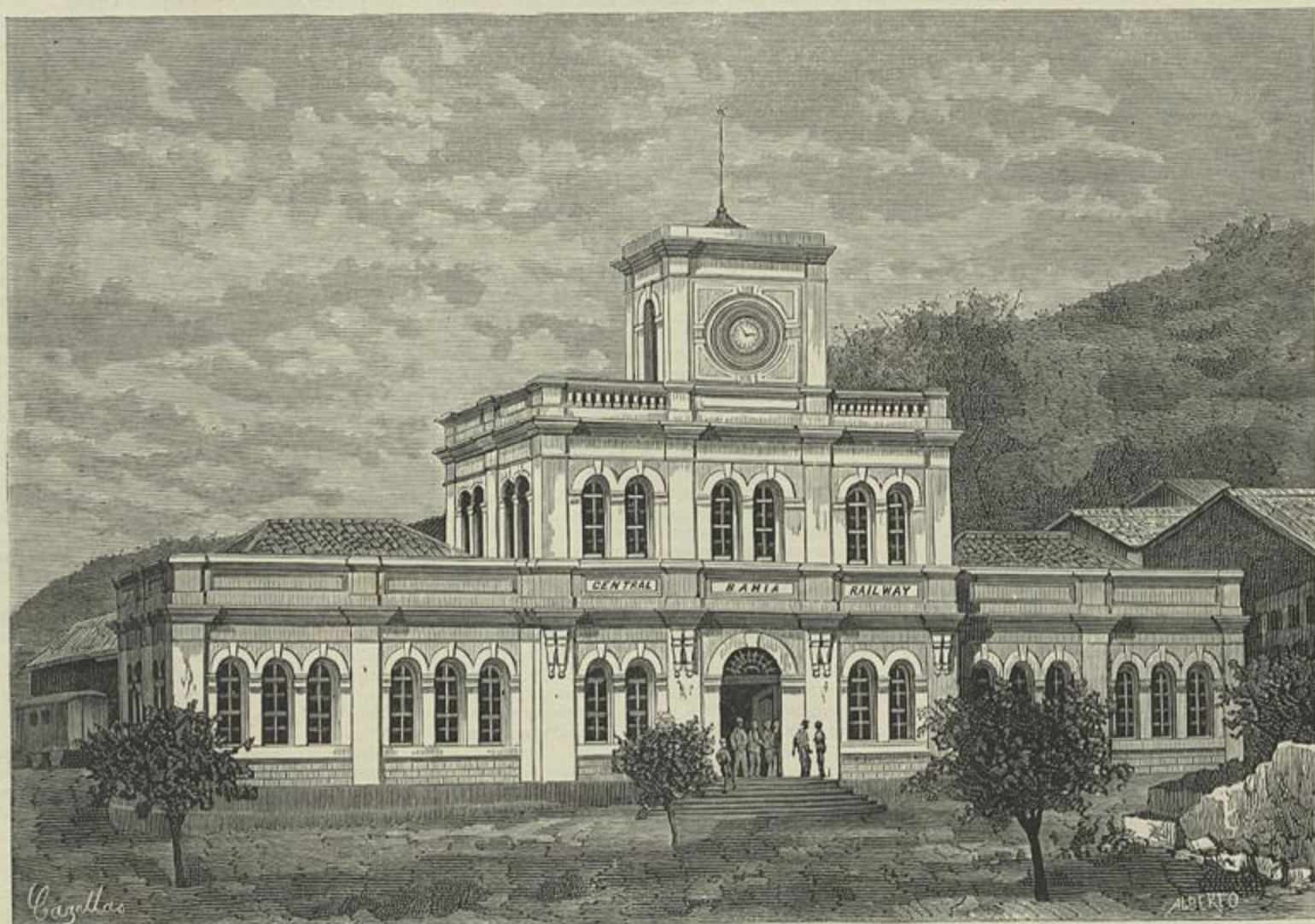
CAMINHO DE FERRO DE S. FELIX A ANDARAHY

Em 17 de maio de 1875 inauguraram-se os trabalhos d'esta via ferrea denominada «Estrada de Ferro Central», partindo de S. Felix, na Cachoeira, e terminando entre a povoação de Queimadinho e a villa de Andarahy da provincia da Bahia.
A extensão total d'esta linha e seus ramaes é de 302 kilometros, e a sua construcção foi concedida a uma empreza ingleza «Brazilian Imperial Central Bahia Railway com a garantia de receber durante trinta annos o juro de 7 por cento na rasão de 43:000$000 por kilometro.
A direcção dos trabalhos, que se executaram com uma rapidez a que no Brazil se está pouco costumado, foi entregue ao engenheiro inglez Wilson.
O Brazil como a velha Europa vae-se cortando de caminhos de ferro em todas as direcções, e lá mais do que cá, esses caminhos deverão augmentar o desenvolvimento commercial, porque são elles quasi as unicas communicações viaveis por entre aquelle umberrimo paiz que trasborda de seiva, a maior parte ainda desaproveitada.
A nossa gravura representa a perspectiva da estação central em S. Felix que, como se vê, é um edificio elegante e vasto, ha pouco concluido.

O CONVENTO DE VILLA VERDE

Pertence ao concelho de Alemquer esta pequena villa.
El-rei D. Affonso deu-a a D. Alardo fidalgo francez que alli levantou o seu castello e formou povoação, d'onde lhe vem o titulo de Villa Verde dos Francos. Essa povoação, porém desappareceu desimada por uma peste que a assolou, fugindo o povo para logar mais saudavel e fundando as povoações conhecidas pelos nomes de Cabanas de Torres, Cabanas de Chão e Abrigada todas no termo de Alemquer.
Seguiu-se então uma decadencia completa para esta terra. As melhores casas foram cahindo em ruinas abandonadas pelos senhorios e ainda hoje attesta esse abandono o grande palacio dos marquezes de Anjeja, que logo á entrada da villa deixa ver a sua completa ruina.
Modernamente, porém, Villa Verde dos Francos tem tomado mais alento e começa a manifestar uma vida mais activa e prospera mercê do progresso que alli tambem tem extendido a sua acção, dotando-a com boas estradas e desenvolvendo a agricultura.
O convento de Villa Verde assenta na vertente da serra que defronta com a villa, mas do lado opposto. A sua historia não offerece nada de notavel, nem a sua construcção ostenta riquezas d'arte, entretanto a sua magnifica situação recommenda-o como um dos logares mais aprasiveis que se encontra por aquelles sitios.
Foi este convento fundado por D. Pedro de Noronha, em 1540, e destinado a recoletos da ordem franciscana, e parece que servia como convento penitenciario da ordem, tendo accommodações para dez ou doze religiosos.
A egreja é espaçosa mas simples, conserva, porém, um bello retabulo na capella-mór de marmore branco com embutidos côr de rosa que é bastante curioso.
Está alli a sepultura de D. Pedro de Noronha, senhor de Villa Verde.
Este convento que cahiu em ruina e abandono, é hoje propriedade do ex.mo sr. visconde de Chancelleiros que o comprou, á cerca de dez annos, tendo-o, de então para cá, reedificado e embellesado a ponto de o transformar em uma deliciosa habitação, dominando vastos campos cultivados, e animando a prosperidade de Villa Verde dos Francos.
A gravura que publicamos dá uma perfeita idéa do pittoresco do antigo convento de S. Francisco, como elle hoje está, graças ao bom gosto das obras que lhe tem feito o seu actual proprietario.
O nosso collaborador artistico e apreciado pintor sr. João Christino, em uma excursão que ultimamente fez áquelles sitios, agradou-se tanto do bello motivo de paizagem que o convento de Villa Verde lhe offerecia para um quadro, que o pintou e d'elle fez copia na gravura que publicamos.
Esse quadro figura na exposição do Grupo do Leão que no proximo dia 15 abre as suas portas nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, na rua de S. Francisco.

O ASYLO DA ESPERANÇA

A benemerita sociedade dos asylos da infancia desvalida de Lisboa, fundada em 1834, commemorou o quinquagessimo anniversario da sua fundação, inaugurando um novo asylo, destinado como os que já estabeleceu, á educação da infancia desvalida.
O novo asylo foi construido em parte do terreno da cerca do convento da Esperança, concedido pelo governo em virtude de votação do parlamento. Dirigiu e planeou a obra o sr. Augusto Cesar dos Santos, que tem sido o architecto offi-

D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, Bispo de Portalegre, no leito mortuario (Segundo uma photographia de E. Santiago)

BRAZIL — Estação central do Caminho de Ferro de S. Felix a Andarahy, em S. Felix (Segundo uma photographia)

cioso da sociedade, planeando e dirigindo gratuitamente as construcções dos asylos da Lapa, S. Thomé e as obras de reconstrucção dos outros asylos pertencentes á sociedade.

O asylo da Esperança não é uma obra grandiosa nem architectonica; é simples, é modesto, como modesta tem sido a sociedade, que sem alarde nem reclame, tão relevantes serviços tem prestado á causa da infancia pobre desvalida de Lisboa e Belem.

Não é por ostentar grandezas nem bellezas d'arte que illustramos hoje uma das paginas do Occidente com a perspectiva do novo edificio, mas porque nos apraz registrar em nossas paginas de um modo bem frisante, as obras da caridade d'esses obreiros do bem, que vão arrancar ao thegurio miseravel, onde não entram os confortos nem da materia nem da alma, as louras creanças, para lhes darem o pão do corpo e o pão do espirito, emancipando-as da miseria herdada, por meio da instrucção que é um capital valioso para o que o sabe aproveitar.

E' esta a verdadeira caridade porque, remediando males presentes, mira a evitar males futuros, e se a educação não é a mais forte barreira que se póde oppôr á propagação da miseria, então devemos desesperar de attenuar os effeitos d'este cancro que tem roido as gerações e que as sociedades modernas tanto se tem esforçado por minorar.

Hoje é já superior a mil o numero de creanças que a sociedade dos asylos da infancia desvalida, sustenta e educa, e o asylo da Esperança tem accommodações para 150 creanças estando já alli admittidas 100.

A inauguração d'esta nova casa de caridade e de ensino realisou-se no dia 19 de novembro findo, com a assistencia de muitas damas e cavalheiros da primeira sociedade, encontrando-se alli as Ex.mas Sr.as D. Alice Munró dos Anjos, D. Anna J. Coutinho de Castro, Viscondessa dos Olivaes, D. Amelia Leite Ferreira, D. Julia de Séguier, D. Octavia Oliveira Guedes, D. Maria Pinto Leite, D. Francisca Munró e os Ex.mos Srs. Henrique de Barros Gomes, Alfredo Queiroz Guedes, Isidoro Vianna, A. C. dos Santos, Antonio Gomes, Joaquim Maria Osorio, Duque de Palmella, Fernando Palha, Simões Margiochi, etc. Por parte das auctoridades compareceram os Ex.mos Srs. Rosa Araujo presidente da Camara Municipal, J. Gomes de Arouca administrador do bairro occidental, Augusto João de Mesquita sub-delegado de saude, Francisco Lourenço dos Santos prior de Santa Catharina, Henrique d'Abreu prior de Santos, Simões Raposo inspector primario, etc.

Não houve festa ruidosa; as pessoas presentes assignaram o auto de inauguração e visitaram o edificio, onde tudo se encontrava na melhor ordem.

Ás duas horas e meia da tarde S. M. a Rainha visitou o novo asylo, acompanhada de sua dama e camarista.

Esta visita era significativa. A virtuosa princeza que tem estendido o seu manto de caridade por sobre as cabeças das louras creanças, como um abrigo contra a miseria, consagrava com a sua presença mais um estabelecimento de beneficencia, que abria as suas portas á infancia faminta de alimento e instrucção.

BELLAS ARTES

O Convento de Villa Verde — Quadro de J. Christino (Desenho do mesmo auctor)

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES, NO PORTO

(Continuado do n.º 214)

Seguindo a ordem do catalogo, começaremos por nos referirmos aos trabalhos em desenho, na maior parte estudos dos alumnos da Academia, feitos do modelo vivo, do antigo e de estampa.

Fastidioso seria, sem duvida, minudenciar todas essas provas de aproveitamento, as quaes teem o apreço do seu merecimento, nas classificações que obtiveram dos respectivos jurys de exame.

Assim restringir-nos-hemos a assignalar, que n'esses estudos se pressentem as aptidões de uma direcção competentissima. Já lá vae o tempo em que se viam umas academias desenhadas com todos os cuidados de uma boa apparencia, mas nas quaes faltava, pelas imperfeições de uma interpretação incorrecta, a verdadeira caracterisação do corpo humano nas suas minuciosidades mais salientes.

O que se trata agora é de produzir justo, educando a vista do alumno para uma observação mais rigorosa do modelo e fazendo convergir as suas attenções para os pontos que devem determinar a fidelidade da copia, quer no contorno, quer no assombreado, quer emfim na harmonia do conjuncto, sem comtudo exaggerar as fórmas, nem idealisar extremamente a belleza natural do typo.

Sendo a arte a interpretação da natureza, comprehender, é effectivamente a grandeza da arte, como diz Charles Blanc, e mal irá ao alumno se o professor, em vez de lhe inocular no espirito os principios d'essa comprehensão, o transviar pelo caminho errado de uma falsa intuição artistica.

Ora são essas qualidades essenciaes, as que

transparecem nos estudos que estão patentes. Poderá um trabalho estar melhor do que outro, mas o que em todos se nota é uma unidade de factura e uma individualisação aproximada do modelo, conforme a intelligencia e recursos dos seus auctores.

Um facto de certa importancia merece mencionar-se, como uma tendencia exemplar para os conhecimentos que entre nós a mulher vae desejando adquirir. No numero dos alumnos matriculados na Academia de Bellas Artes do Porto, conta-se um do sexo feminino, a sr.ª D. Christina Amelia Machado, que no certamen de que se trata, exhibe tres provas muito apreciaveis da sua vocação artistica. Duas d'ellas, uma copia de estampa e um desenho do antigo, mereceram elogio e menção honrosa. Esta senhora, se continuar a frequentar o curso, póde vir a dar, pelo menos, uma excellente professora, qne naturalmente ha de libertar as suas alumnas da rotina anniquiladora da copia servil de lythographias impossiveis.

E é isto uma grande necessidade. Considerado hoje o desenho como um dos elementos indispensaveis de uma educação feminina esmerada, confrange o espirito, o ver como uma grande parte dos professores particulares ensina essa arte. As exposições portuenses teem dado, nas garatujas das collegiaes e nas *estampas* das meninas ricas, um testemunho tristissimo da maneira como é encaminhada essa parte da educação.

Exactamente como no piano a discipula que mal começa a dedilhar umas escalas, pretende logo aprender uma walsa para mostrar a sua habilidade nas salas, assim no desenho, ella para satisfazer a vaidade propria ou da familia, aspira simplesmente a copiar uma coisa qualquer que possa ser exhibida em publico, com certo applauso da ignorancia dos basbaques. E o professor sem reagir, sem se revoltar contra essas pretenções tresloucadas, vae fazendo passar por deante da vista da sua quasi sempre *talentosa* alumna, a serie das taes estampas que andam de casa em casa e de mão em mão, sem forças nem indenpendencia para a compellir a ter uma idéa exacta da fórma pelo desenho de um pé ou de um braço em gesso.

D'esses professores parece inclusivamente, ser até desconhecida a oppulenta collecção das reproducções dos desenhos dos grandes mestres, publicada por Goupil, e que fornece elementos valiosos de estudo sério.

Adiante.

Além dos trabalhos dos alumnos da Academia, apresenta-se ainda ao exame dos visitantes uma serie de estudos executados no atelier nocturno, do Centro Artistico Portuense, pelo antigo e pelo modelo vivo.

Esses estudos são de Marques de Oliveira, Soares dos Reis, Rodrigo Soares, Thomaz Costa, F. Brandão e Adriano Ramos Pinto.

Para quem desconheça os intuitos e a organisação do Centro Artistico, não será importuno esclarecer que o fim principal d'esse gremio é ter permanentemente aberto á noite, um *atelier* onde os artistas possam, nas horas livres do trabalho quotidiano, exercitar a cultura do desenho pelo nu.

A importancia d'essa cultura em todos os ramos das bellas artes, justifica a existencia d'aquella Associação, e é assim que vemos artistas consummados e professores distinctos como Soares dos Reis e Marques de Oliveira darem exemplo salutar, com a exhibição das suas academias, a quantos se julgam dispensados de exercicio tão essencial, desde que teem completos os annos do curso das escolas.

Se todos assim procedessem, se todos se convencessem que o desenho é a qualidade predominante de toda a obra de arte, não se veriam a cada passo desmerecidos por incorrecções flagrantes, trabalhos em que se revelam aptidões de subido apreço.

Que importa que um quadro seja agradavel pelo assumpto, se lhe falta o traço preponderante da justa caracterisação dos objectos e das cousas?

Disse Buffon, que o estylo é o homem; nós diremos que o desenho é o artista, e que elle está para as artes plasticas na mesma proporção em que a melodia está para a musica.

É o principio, que se completa pela harmonia, como o contorno se completa pelo claro-escuro — a harmonia da pintura e da esculptura.

E note-se que tanto mais difficil é essa propriedade artistica, quanto em todos os tempos tem sido sempre maior o numero dos bons coloristas, do que dos bons desenhistas.

Desenhe-se pois, sempre, presistentente, e encontrar-se-hão os fructos que adveem d'esse estudo imprescindivel.

Na secção do certamen a que nos estamos referindo, não ha muito. além dos estudos dos alumnos, que mereça detida apreciação critica. Alguns poucos retratos copiados de photographia e um ou outro quadrosito desenhado por senhoras, reproducção mais ou menos habil das suas auctoras. Nada de original, nada de verdeiramente sério.

Tudo quanto são copias, e com especialidade, de photographia, deveriam estar fóra das attenções da critica pela propria natureza d'esses trabalhos. O retrato desenhado, porém, constitue de ha muito, como que uma industria entre nós, da qual tiram o principal recurso de subsistencia, alguns moços de habilidade comprovada, que as contingencias da sorte fizeram estacionar n'esse ponto da arte, e assim, pela perfeição com que muitas vezes chegam a ser produzidas essas obras, merecem pelo menos que das melhores se faça uma sellecção.

Ha ainda a notar, para credito de alguns d'esses moços, que em parte alguma, mesmo no estrangeiro, se desenham retratos mais cuidadosamente do que no Porto e já que o costume está tão inventerado, não deixaremos tambem de dizer, que preferimos bem mais esse processo do que as detestaveis ampliações photopraphicas em que o retoque desastrado e insciente, transforma sempre o pormenor physionomico do individuo.

Dos retratos em desenho, expostos, os melhores são: um de uma senhora, por Julio Costa, em que além da similhança, ha unidade de traço certa correcção e agradavel harmonia de claro-escuro; outro, tambem de senhora, por João José Nogueira, um tanto inferior áquelle, mas em que se revelam qualidades de uma aptidão bem cultivada; e o terceiro, finalmente, do juiz da Relação do Porto. o sr. dr. Lino de Sousa Pinto, por seu filho Antonio Alves do Valle de Sousa Pinto, irmão do já reputado artista que está estudando em Paris, José Julio de Sousa Pinto.

Este ultimo retrato extrema-se pela nitidez da execução, fazendo lembrar, no processo de factura, os que desenhavam em tempo Soller e Guilherme Correia.

Os inexpertos olham tambem com certa admiração para um pequeno retrato do fallecido maestro Carlos Dubini, devido a Marianno Fresco. Aos que se impressionam simplesmente com a semelhança, diremos que a execução é detestavel, incorrectissima, anti-artistica, emfim. Se o seu auctor teve em mira o imitar o mais possivel a photographia que copiou, conseguiu-o, ultrapassando até em fidelidade, os proprios defeitos do clichet.

Como curiosidade, não deixaremos de mencionar uma copia a escomilha, de uma agua forte de Abraham, executada pela sr.ª D. Maria de Jesus de Alvite Reis. E' um trabalho tão perfeito, tão intelligentemente reproduzido, que chega a confundir-se com a propria gravura. Apreciavel e muito, sob este ponto de vista.

Do mais, copias e mais copias de um regato, de uns cãesinhos e de uma Magdalena arrependida, etc., que hão de encher de orgulho as familias das meninas que aprenderam a fazer aquillo. Muita paciencia e um cuidado extremo para que não falte sequer o fio de um cabello na cabeça desenhada.

A sr.ª D. Francisca de Almeida Furtado, distincta academica de merito, exhibe algumas das suas deliciosas aguarellas.

E' um genero de pintura que se cultiva pouco, ou quasi nada entre nós, e que lá fóra tem chegado a fazer reputações, havendo até mais de uma sociedade organisada para o seu estudo.

Certamente não é essa a grande arte, mas nem por isso deixa de ser apreciavel um *costume* de côres vivas, bem executado por esse processo.

São cinco os quadrosinhos de conchas, flores e fructas que a sr.ª D. Francisca expõe.

Parece-nos que com mais propriedade se lhes devia chamar *gouaches*, do que aguarellas.

Em todo o caso, todos elles são muito bem feitos, notando-se especialmente as conchas, pelas transicções suaves das suas côres delicadas, as ca-

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 214)

VII

As questões de moralidade

O terrivel phantasma cerca-se de taes horrores, infunde tal pavor que não ha valente que lhe resista. Perante o ignoto da morte curvam-se os mais fortes, humilham-se os mais orgulhosos. Os proprios irracionaes a temem. Terrivel coisa! Fatal comprehensão que por assim dizer nasce com a creatura e só n'ella acaba quando só deixa de existir, ao exhalar preciso do ultimo alento.

E Gilberto viu-a adejar ameaçadora e sinistra por sobre a loira cabeça de sua filha.

— Acode, Gilberto, acode, lhe gritou a mulher.

E elle fóra de si estacou entre portas do quarto e viu estendida no leito aquella creança que alguns mezes antes era de uma frescura rosada e promettedora de uma longa vida sadia, agora a triste imagem de um cadaver.

Estremeceu!

— Tua filha morre, Gilberto, tua filha morre! e faz-lhe a ultima vontade... Vae chamar... vae chamal-o, emendou, porque aquelle nome não se proferia em casa de Gilberto nem mesmo n'esta situação suprema.

O consternado pae nem sabe o que responder.

Enfiou o albornós e saiu como estava em chinellas, levando o chapeu do creado que ainda correu atraz d'elle para o prevenir do engano.

Mas quem diz que o alcançou?

Gilberto deitou a correr pela rua fóra não como quem ia a salvar o pae da forca, mas como quem tinha uma filha á morte.

Os cães ladravam-lhe na sua passagem de relampago.

Foi á casa do morgado procurar pelo menino.

Ha trez dias que não davam noticias d'elle.

Dirigiu-se d'alli aos botequins da baixa, viram-n'o alguns collegas e correram a saber o que elle tinha.

— Tenho a minha filha á morte.

— Somos precisos para alguma coisa?

— Para muito se me encontrarem o filho do morgado do Caneiro.

A esta extravagante resposta, e porque juntasse uma grande excitação, acudiram os amigos procurando retel-o, que não fosse fazer alguma loucura, visto não denotar muito juizo nas respostas que dava.

— Deixem-me, deixem-me!

Seguiram-n'o de longe.

Gilberto entrou n'uma loja á esquina da rua dos Retrozeiros onde havia bilhar e jogo toda a noite á porta fechada.

— O filho do morgado do Caneiro? perguntava aos creados, aos freguezes, a toda a gente.

A distancia os amigos que o seguiam indicavam por gestos aos extranhos que elle não estava em si.

Gilberto não via nem ouvia nada. Tinha nos ouvidos um zunido que o ensurdecia, na vista uma debilidade que lhe tornava os objectos quasi imperceptiveis.

— Está alli, está alli, disseram muitas vozes.

Mas elle não o via e avançava sempre perguntando:

— Aonde, aonde está?

Jogava ao bilhar ás carambolas em que era forte o rapazelho, e dava aos parceiros grande partido.

Estava sobre o bilhar como n'uma *chaise longue*, meio deitado sobre o lado esquerdo com a dextra segurando o taco e a sinistra estendida a encaminhal-o na direcção das bolas.

— Olha que te procuram, disse o parceiro a dar giz no taco, e procurando distrahil-o e adiar aquella perspectiva de carambolas sem fim.

Voltou-se o rapaz e viu Gilberto.

— Desejava dar-lhe uma palavra.

— Agora tenha paciencia, deixe-me ensinar este caloiro que já lhe falo.

E proseguindo no jogo, dizia:

— Esta vae de recuo, agora esta vae de recochete. Marca lá ó José!

— Mas por Deus, senhor, que não ha um momento a esperar.

— A quantos estamos?

— Ha quinze e nada, respondeu o marcador com voz roufenha de pregão.

— Senhor, que a minha filha morre sem o ver, sem lhe falar.

— Mais esta agora, marca José.

— Senhor, senhor, supplicava Gilberto.

— Mande vir alguma coisa e sente-se, voltou-lhe o jogador.

melias, pela justeza do avelludado das petalas e ainda as begonias, que se aproximam muito do natural.

(Conclue) *Manuel M. Rodrigues.*

OS CONFIDENTES

Bernardo de Souza festejava o primeiro anniversario do seu casamento. Tinha convidado a jantar o seu amigo predilecto e confidente. Helena convidára a sua amiga intima, companheira de quarto, durante trez annos, no convento das Salezias. N'esse dia tomaram o café na sala do jantar, junto do fogão.

Sobre a meza, coberta com uma toalha adamascada de linho, cujas pontas roçavam no tapete escuro da sala, ficára ainda a desordem dos ultimos pratos servidos. O resto d'um *pudding* de gelatina estremecia de leve com scintillações de topazio. Das ramilheteiras esguias de cristal lavrado as violetas exhalavam um aroma suave e discreto. Uma garrafa de champagne, a um lado, ostentava a etiqueta prateada, em que se lia a firma de *Veuve Clicot*. Depois, sobre uns pequeninos pratos de porcellana, com monogramma ao centro, cruzavam-se os talheres de cabos de madreperola, nos quaes a luz do candieiro de bronze, suspenso do tecto, punha cambiantes de opala.

Helena sentara-se junto do fogão, com a cabeça reclinada no espaldar estofado da cadeira; e o seu vestido côr de perola, que lhe desenhava as ondulações suaves do seio casto, descia-lhe em pequenas pregas, deixando apparecer, em baixo, os seus sapatinhos de verniz, poisados sobre o *fender*.

Defronte de Helena estava Thereza, loira, alegre e buliçosa. Trazia um vestido de *faille* azul claro, com um ramo de violetas pregado por um lagarto d'oiro com olhos de rubis sobre o lado esquerdo do corpete. Thereza falava com Bernardo, que estava atraz, debruçado sobre o espaldar da cadeira; e, quando erguia a cabeça, voltando-a com um pequeno esforço, o seu pescoço branco e cheio avultava uma doce curva tentadora. Depois fixava os olhos em Helena, brincando com os aros de prata que trazia enfiados no braço esquerdo, soltos e telintantes, todos lapidados, imitando incrustações de pequenos brilhantes que scintillavam. Sentado junto de Helena, Jorge da Silveira falava baixo, um pouco inclinado para a frente, com os joelhos ligeiramente affastados, os pés juntos, e a gravata branca sobre o peito lustroso da camisa, no meio do qual se destacava uma grande torqueza. Na lapella da casaca desabrochava uma gardenia. Segurava na mão esquerda o pires; e, com a chavena suspensa entre o index e o polegar, sorvia o café a pequeninos goles. No dedo minimo um pouco levantado faiscava o brilhante d'um largo annel d'oiro fosco.

O escudeiro tinha já levantado a meza, e entrava na sala com um castiçal n'uma das mãos e uma caixa de charutos dentro d'uma salva, na outra.

Bernardo de Souza, depois de acender o seu charuto, principiou:

— É verdade... ó Helena, tu ainda não mostraste ao Jorge a prenda que te dei.

— É verdade! — exclamou Helena. — Eu vou buscar.

— Vou eu — disse Thereza.

Ergueram-se ambas e sahiram.

Jorge estava de pé; e, com o charuto apertado nos dentes, repuxando o collarinho alto, á ingleza, disse a Bernardo:

— Tambem eu trago uma prenda para tua mulher.

— Sim? Bravo! — exclamou Bernardo — E para mim, ingrato?

— Para ti — respondeu Jorge lentamente — para ti, depois dos protestos da minha amisade, a declaração franca do meu odio!

— Explica-te, homem — disse Bernardo, deixando-se cahir no *fauteuil*, e cruzando o tornozello direito sobre o joelho esquerdo.

— Fazes de mim um perjuro! Obrigas-me a odiar o celibato, o meu adoravel celibato, com o espectaculo da tua felicidade! Jurei nunca fazer holo causto do meu pobre coração no altar do deus do amor, e...

— E não juraste em falso, pagão.

— Pois?!...

— Não incluiste no teu juramento o altar das deusas, maroto!

Helena e Thereza voltaram.

Helena entregou a Jorge uma caixa de velludo encarnado forrada de setim preto, dentro da qual havia uma pulseira de ferro, larga, lisa, com este nome em letras d'oiro: *Nelli*.

Jorge da Silveira examinou a pulseira e restituiu-a, gabando-a muito.

— Não é muito original, sr. Silveira? perguntava Thereza. — Eu acho-a um apetite.

— Ó Bernardo — disse Helena — olha que a Thereza trouxe tambem uma prenda para ti.

— Oh! minha boa amiga — exclamou Bernardo, beijando as mãos de Thereza.

— E eu — disse Jorge do lado — uma prenda para V. Ex.ª

Bernardo abraçou o amigo:

— Obrigado, Jorge.

Jorge sahiu da sala.

Thereza entregou então a Bernardo uma caixa de setim, que elle recebeu nas mãos ambas, curvando-se respeitoso.

Entrou Jorge; e, ao ver a prenda de Thereza nas mãos do amigo, olhou desconfiado, e disse:

— Querem ver...

E entregou a Helena uma caixa de tartaruga com um *H* d'oiro cravado na tampa.

Bernardo, erguendo a caixa, exclamou alto:

— Aposto, prima Thereza, que adivinho o que esta caixa contem.

Thereza, batendo para a testa as farripas caracolladas, cerrou um pouco os olhos, e respondeu:

— Talvez não adivinhe, primo Bernardo.

— Que te parece, Jorge?

— Eu sei... — disse elle, encolhendo os hombros.

Bernardo então lançou esta phrase:

— *Bons-bons* do Pucci.

— Não — disse Thereza victoriosa.

Bernardo meditou um instante, espremendo nos dedos o labio inferior:

— Luvas!

— Não.

— Um... um leque!

— Ora, um leque — exclamou Thereza, a rir.

— Não?! — perguntou Bernardo, olhando-a espantado. — Então, deixe ver... Um *plastron*! Uns suspensorios! Uma casaca! Um chapeu alto!

Thereza respondeu, rindo ás gargalhadas:

— Não, não e não! Escusa de se matar, que não adivinha.

Quando Bernardo ia a abrir a caixa, Thereza correu para elle, collocou a mão sobre a tampa, e disse-lhe supplicante:

— Não abra deante da Helena.

Jorge pediu tambem:

— Sr.ª D. Helena, não abra deante do Bernardo.

Helena e Bernardo olharam-se espantados.

— Isto é original, prima — disse elle — Então V. Ex.ª e o Jorge conspiram lá fóra contra nós?!

— Protesto — gritou Jorge — Eu ignoro completamente o que a tua caixa contem.

— O mesmo que me acontece a mim, a respeito da caixa de Helena — accrescentou Thereza.

— Bem. N'esse caso — propoz Bernardo — separemo-nos. A prima e a Helena sobem para a sala, o Jorge e eu ficamos aqui. E' uma especie de capitulação! Seja.

Logo que ficaram sós, Bernardo approximou-se da meza, e disse com solemnidade:

— Ora vamos a ver o que será.

Jorge, com os dedos fincados na borda da meza, observava ao lado de Bernardo; e, apenas a caixa se abriu, soltou um ah! de surpreza. A caixa continha um maço de cartas atadas por uma fita de seda azul. Bernardo desdeu cuidadosamente o laço, colheu a primeira carta, e leu:

Quinta da Ribeira, 20 de julho.
Minha Thereza.

— Alto! — gritou Jorge — São cartas de tua mulher para Thereza. Agora, podes dizer á Helena que entre, e que mostre a prenda que lhe dei.

A afflicção de Gilberto, o tom supplicante das suas palavras estabeleciam tal contraste com a frieza estupida e descortez d'aquelle vicioso creançola, que muitos dos circumstantes se acercavam d'elle indignados, quasi exigindo-lhe que deixasse o jogo e attendesse á pessoa que o procurava.

D'este modo Gilberto poude merecer do filho do morgado do Caneiro alguns minutos de attenção.

O pobre homem tinha lagrimas na voz e lagrimas nos olhos.

— Esqueça o passado, lhe disse, e tenha dó de um pae que lhe pede a vida de sua filha. Ella quer vel-o, e eu desejo que a veja. Peço-lhe que venha commigo e depressa que receio muito chegar já tarde

— D'esse modo era muito melhor ter mandado chamar a extrema uncção. Mas em summa, faço-o por ella, vá andando que eu já lá vou ter.

Gilberto acudiu immediatamente:

— D'aqui não saio sem o senhor, mettemo-n'os n'um trem e é um momento. A casa não fica longe.

— Mas um lance d'estes apparece poucas vezes, observou o jogador, tenho ainda aqui dezoito carambolas certas, e o parceiro não se gabará com uma só.

— Pela minha parte dou o jogo por terminado.

— Isso é uma desfeita, replicou-lhe o filho do morgado pondo-se na attitude de applicar ao parceiro receita egual á que mezes antes applicára a Gilberto.

— Quem é este homem? perguntaram ao commendador alguns dos amigos que o tinham seguido.

— É a minha desgraça senhores, é a minha desgraça.

E não mentira.

É-se muitas vezes propheta sem o cuidar.

Algumas semanas depois d'esta scena repugnante, o vadio casava pomposamente com a filha de Gilberto.

Tamanho escandalo até entre os parentes pobres foi objecto de censura.

Mas é que nenhum d'esses paes tinha visto uma filha á morte como elle vira.

Que não daria elle em tal situação a quem a salvasse?

Tudo, até a sua reputação de homem de siso, de costumes irreprehensiveis, de uma intransigente moral, de uma forte consciencia honrada.

Foi o que elle fez.

E d'ahi não poderia o casamento influir de futuro nos costumes depravados do genro?

Elle assim lh'o havia promettido.

Logo o mundo que falasse, porque em se cançando logo se calaria.

Gilberto por lhe fazer pirraça, começou mesmo a dar-se certos ares de libertino.

Quando saía de casa para a repartição piscava o olho á filha de uma visinha que vendia na praça e tinha logar de fructa a dois passos da sua porta.

Em casa fez certas concessões.

Deu licença aos filhos para receberem os condiscipulos, e permittiu que elles fumassem não sendo na sua presença, escolhendo elle mesmo as caixas de charutos para que fossem dos melhores.

Todos se benziam!

Gilberto já não era o mesmo homem.

Procurou a irmã com quem estava mal e offereceu-se para padrinho do casamento da sobrinha.

Foi recebido de braços abertos, em jubilosas expansões de entranhavel affecto.

— Ai mano, que prazer me dá! não imagina que lagrimas de sangue tenho chorado, e d'ahi só com o biquinho da agulha custa muito a vida mano, custa muito.

Gilberto respondeu que as coisas tambem lhe não corriam agora como d'antes.

Na repartição tinham-lhe feito deducções importantes, com os novos ministros não se entendia, e a respeito de presentes já se tinha acabado essa mama.

Quando appareceu o latagão que elle mandara crescer e apparecer, abriu-lhe os braços e disse-lhe, vendo-o com os seus galões d'alferes, n'um aceio irreprehensivel, n'um bello ar marcial:

— Palavra que tenho inveja de minha sobrinha.

— Porque, senhor commendador?

— Por se ter agradado d'ella.

O outro voltou-lhe sorrindo:

— Creio que V. Ex.ª não pretenderia, attenta a incompatibilidade do sexo, offerecer-me a sua mão.

— A minha não, mas a de minha filha de certo que lh'a offerecia com todo o gosto.

A sobrinha e o alferes deram-se ares de riso.

(Continúa) *Leite Bastos.*

Bernardo chamou o criado, e ordenou-lhe que chamasse as senhoras.

Helena e Thereza appareceram logo.

— Já sabemos o que é — disse Jorge. — Queira V. Ex.ª mostrar ao Bernardo o que a minha caixa contem.

Helena collocou-a sobre a meza, abriu-a, retirou a primeira carta, e leu alto:

Quinta da Lapa, 20 de julho.

Jorge.

Desataram todos a rir...

— Dir-se-ia que houve combinação — disse Thereza.

Bernardo propoz que as cartas fossem lidas em commum na sala.

Jorge offereceu o braço á mulher do amigo, Bernardo a Thereza, e subiram todos quatro para o primeiro andar.

(Continúa) *Alberto Braga.*

RESENHA NOTICIOSA

Moedas de bilhão de D. Fernando. Em uma escavação feita na casa do sr. Salema, em Evora, encontrou-se um vaso contendo mais de duas mil d'aquellas moedas, que até hoje tinham um grande valor estimativo pela sua raridade. Na mesma cidade e em casa do sr. Fernandes tambem se encontrou n'um vão do telhado 1:500$000 réis em dobrões e peças de D. João V.

Cadeira historica. Foi enviada para o Museu de Bellas-Artes de Lisboa a cadeira que pertenceu ao grande marquez de Pombal, e que estava na secretaria do ministerio da guerra. Esta mesma cadeira foi a que serviu de modelo á que se vê pintada no quadro que o fallecido pintor Lupi, estava concluindo para a sala das sessões da camara municipal de Lisboa, representando o marquez de Pompal planeando a reedificação de Lisboa.

Exposição de quadros. Deve abrir ao publico no proximo dia 15, nas salas da redacção do «Commercio de Portugal», a exposição de quadros conhecida pelo titulo de «O Grupo do Leão». Consta-nos que este anno é composta de cêrca de setenta telas devidas aos artistas Silva Porto, Malhôa, J. Vaz Christino, Columbano, Vieira, Pinto, Gyrão, etc É este o quarto anno em que se realisa este certamen, com uma regularidade periodica muito louvavel. O publico que tem dispensado nos annos anteriores uma especial attenção e protecção a este pequeno *salon*, é de esperar que este anno tambem alli concorra a examinar e escolher os novos quadros que alli lhe apresentam.

Busto de Emilia das Neves. O sr. D. Luiz da Camara Leme foi ao Porto encommendar ao notavel esculptor Soares dos Reis, um busto em marmore da actriz Emilia das Neves, para ser collocado no atrio do theatro de D. Maria II ao lado do de Garrett.

Asylo da Esperança, inaugurado em 19 de novembro de 1884 (Desenho do natural por Cazellas

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Le messager d'Occident (antigo *Messager de Vienne)* periodico internacional, que se publica ás quartas e sabbados em Paris. Redacção e administração, Rua Saint-Georges 9. — Esta interessante publicação, onde os assumptos relativos a Portugal, são sempre tratados com a maior imparcialidade e justiça, fazendo sempre reconhecer o nosso direito, continua regularmente.

Boletim da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes. 1.ª série n.º 5, outubro de 1884. Comprehende as peças seguintes: *Pour l'etranger* do sr. J. M. dos Santos; *Officio* recebido do sr. ministro das obras publicas; *Sociedade de geographia commercial do Porto; Representação* feita á camara de deputados; *Solemnidade funebre; Expediente.* Continua a saír regularmente.

Flores mirandezas, pelo sr. J. Leite de Vasconcellos. Porto, Livraria portuense de Clavel & C.ª 119, Rua do Almada, 123 — 1884. — folheto de 40 pag. E' uma collecção de poesias no dialecto mirandez, acompanhadas de algumas notas e de um glossario. Como se sabe a terra de Miranda, notavel pela sua Sé, pelas suas celebres capas, chamadas *honras de Miranda,* e pela sua singularissima passagem das cordas sobre o rio Douro, confina com a Hespanha, e os seus habitantes, apezar do Douro que referve tumultuoso entre as duas fronteiras, cachoando ao fundo de altas margens fragosas, estão em contacto estreitissimo de vida, costumes e linguagem com os seus visinhos hespanhoes, e d'aqui esse producto de um dialecto que não é nem gallego, nem portuguez, nem castelhano, como ainda se encontram outros. Tem curiosidade o opusculo do sr. Leite de Vasconcellos, já conhecido aliaz por muitos trabalhos sobre ethnologia e philologia nos seus variados ramos.

Revista de estudos livres, *directores litterario-scientificos, em Portugal:* doutor Theophilo Braga e Teixeira Bastos; *no Brazil:* doutoures Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero. Comprehende o n.º 9, correspondente a novembro ultimo: *Romancistas naturalistas:* Teixeira de Queiroz, pelo sr. Reis Damaso. — *Dialectos beirões* por J. Leite de Vasconcellos; *Litteratura brazileira* por Sylvio Romero; *A doença de Mimi* (conto) por J. Augusto Vieira; *Ensaios de economia politica* por J. Eduardo Gomes; *Bibliographia.*

A Illustração, *revista quinzenal para Portugal e Brazil,* director Mariano Pina, Paris. N.º 13 de 5 de novembro ultimo. Esta illustração que principiou a publicar-se em maio d'este anno, é uma das mais bonitas publicações que hoje se fazem, escolhendo as suas estampas d'entre as mais bellas gravuras que adornam as illustrações de todos os paizes. O presente numero é mais uma affirmação d'esta verdade; publica o bello quadro de Hans Makart «A caçada de Diana» n'uma explendida gravura que tivemos occasião de ver ha cinco annos n'uma das illustrações de Vienna d'Austria; uma bella gravura reproduzindo o quadro de Duez «Fim de Estação» e que a *Illustration* publicou ha quatro ou cinco annos, e entre ontras gravuras magnificas, uma representando o «Castello de Gualdim Paes» copiada do n.º 179 do Occidente, d'onde tambem transcreve o artigo respectivo, fineza que agradecemos.

Typographia Elzeviriana — Lisboa